

## ***IDENTIDADE: Entrevista a Benedetto Vecchi***

Zygmunt Bauman. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Livro resenhado por Claudio Leopoldino de Mattos

O título é provocativo: vivemos num mundo repleto de incertezas e fragmentações em função da redefinição imposta pela “modernidade líquida”<sup>1</sup> ou globalização, como define Zygmunt Bauman. Sociólogo eclético que tem seu objeto de investigação de difícil conceituação em função da natureza errante de seus textos ao dialogar com múltiplos momentos da história, onde o leitor se depara com um processo dialético “permanente” e sempre em desenvolvimento.

Com sua Sociologia moderna à luz da obsessão e da importância com que o atual debate público trata a identidade, o autor busca problematizar essa questão que é uma convenção socialmente necessária e cuja crise, segundo o próprio Bauman (2005), é fruto do multiculturalismo, do fundamentalismo islâmico, do estado de bem-estar social, da “corrosão do caráter” e do esvaziamento das instituições democráticas.

O livro é fruto de entrevistas realizadas num ambiente assíncrono, via e-mail, trazendo em suas primeiras páginas passagens que aguçam a curiosidade do leitor, pois o jornalista italiano Benedetto Vecchi, logo nas primeiras linhas, busca definir as influências intelectuais ou o alinhamento do autor a determinada escola de pensamento, pois em suas palavras:

Bauman não é como outros sociólogos ou “cientistas sociais”. Suas reflexões são um trabalho em desenvolvimento, e ele nunca se contenta em definir ou “conceitualizar” um acontecimento, em vez disso procura estabelecer conexões com fenômenos sociais ou manifestações do ethos público que

---

<sup>1</sup> Podemos dizer que a modernidade líquida é a época atual em que vivemos. É o conjunto de relações e instituições, além de sua lógica de operações, que se impõe e que dão base para a contemporaneidade. É uma época de liquidez, de fluidez, de volatilidade, de incerteza e insegurança. É nesta época que toda a fixidez e todos os referenciais morais da época anterior, denominada pelo autor como modernidade sólida, são retiradas de palco para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade. Disponível em <http://colunastortas.com.br/2013/07/22/modernidade-liquida-o-que-e/>

parecem muito distantes do objeto inicial da investigação, e tecer comentários sobre eles. As páginas seguintes serão mais que suficientes para demonstrar essa natureza errante de suas reflexões. (VECCHI, 2005, p. 8-9).

Percebemos pelo exposto acima como Vecchi (2005) já delineia criticamente o perfil do autor e cria uma ‘aura’ de suspense para o leitor a respeito das informações seguintes.

Bauman (2005) disserta de maneira clara e detalhada sobre como acontecimentos de ordem política contribuíram para sua crise de identidade, em seu país de origem, a Polônia, o que o leva mais tarde a escolher a Grã-Bretanha como a nação que o acolheria.

O ano de 1968 é o elemento catalisador de sua narrativa, pois o protagonista vivencia pela primeira vez o sentimento do não pertencimento. Segundo o autor:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e renegociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. (BAUMAN, 2005, p. 17).

A citação revela a tomada de consciência que o autor experimenta e denuncia em função da crise de “identidade” ao sentir-se um estrangeiro, um “outsider”, ou um “deslocado” na era “líquido-moderna” na qual estamos inseridos e sujeitos às suas consequências. Precisamos estar atentos às flutuações dos espaços onde transitamos e das lutas identitárias que travamos no dia a dia para que possamos nos sentir em casa e diminuir esse desconforto existencial.

Outro ponto muito interessante e que conduz a uma reflexão do nosso papel no mundo é a questão da construção identitária de cada indivíduo, isto é, construímos nossas identidades em detrimento de termos nascidos com elas. (BAUMAN, 2005)

Podemos perceber que, ao longo da narrativa, o autor faz uma descrição minuciosa do surgimento da identidade no seio da Europa, onde a concepção da existência do “pertencimento” só era notada nas cidades, mas as populações em seu entorno, ou afastadas, não tinham a mínima ideia do que acontecia ou o propósito do que significava o “pertencimento”.

Descrição significativa diz respeito a uma concepção de identidade “fabricada”, pois em suas palavras:

[...] a ideia da ‘identidade’ e particularmente da ‘identidade nacional’, não foi ‘naturalmente’ gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um ‘fato da vida’ auto-evidente. Ao contrário, essa ideia chegou na vida de homens e mulheres como ficção, fruto da crise do ‘pertencimento’. (BAUMAN, 2005, p. 26).

Temos nesta passagem uma argumentação, segundo a qual a não naturalidade da formação da “identidade nacional” como elemento amalgamador do conceito de nação e o controle exercido sobre os limites das outras identidades que residem no seio das cidades. Em outras palavras, esse conceito de identidade para Bauman (2005) decorre dos aparelhos ideológicos existentes na sociedade.

Corroborando com a informação anterior, o autor detalha ainda mais a questão da não naturalidade da identidade nacional na seguinte passagem:

A identidade nacional, permita-me acrescentar, nunca foi como as outras identidades. Diferentemente delas, que não exigiam adesão inequívoca e fidelidade exclusiva, a identidade nacional não reconhecia competidores, muito menos opositores. Cuidadosamente construída pelo Estado e suas forças, a identidade nacional objetivava o direito monopolista de traçar a fronteira entre ‘nós’ e ‘eles’. (BAUMAN, 2005, p. 28)

No decorrer da narrativa o leitor é apresentado com um fluxo muito grande de informações com relação à redefinição do processo identitário, da sua transformação com o passar dos anos e quais características mais evidentes afloram na consecução da identidade nesse ambiente líquido-moderno, povoado de indivíduos líquido-modernos, gerando uma grande ambivalência da busca pela identidade, isto é, chegamos à identidade como forma de emancipação, à questão da identidade em regimes fundamentalistas, o papel da internet na formação identitária, e à identidade coletiva.

O livro é recomendado a todos os interessados nas incertezas, hibridismos e na liquidez das relações sociais contemporâneas, onde o caráter identitário constitui-se numa luta permanente do indivíduo para manter-se socialmente aceito, integrado e consciente do desconforto do não pertencimento.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **IDENTIDADE: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

## O AUTOR

**Claudio Leopoldino de Mattos** possui Mestrado acadêmico em Letras, Ciências Humanas e Culturas pela Universidade do Grande Rio – Unigranrio (2016) e Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Inglesa – UERJ (2009). É professor na Universidade Candido Mendes – UCAM - na Faculdade de Letras e Engenharia, lecionando as disciplinas: Inglês instrumental (Engenharia Civil e de Produção), Introdução à Linguística, Literaturas inglesa e norte-americana e demais disciplinas da graduação em Letras. Foi professor visitante no Kilgore College, Longview, Texas, em 2011, trabalhando num projeto de imersão com professores texanos, através de um projeto do Instituto Brasil Estados Unidos – IBEU. Atua também como professor ‘in company’, lecionando em ambientes corporativos na cidade do Rio de Janeiro.

E-mail: [professorucam@hotmail.com](mailto:professorucam@hotmail.com)  
[clm0735@yahoo.com.br](mailto:clm0735@yahoo.com.br)

